

'Desequilíbrio na balança vai voltar'

Para Boris Tabacof, da Bracelpa, câmbio a R\$ 2,80 estragará o desempenho comercial

O dólar a R\$ 2,80 ameaça as exportações do segundo semestre e pode estragar uma das únicas fontes de crescimento da economia. Este é o alerta do empresário Boris Tabacof, coordenador do Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e presidente do conselho da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa). "O desequilíbrio na balança comercial vai voltar, não adianta se enganar", diz Tabacof.

Estado – A valorização do real já está causando problemas para os exportadores?

Boris Tabacof – O câmbio a R\$ 2,80, R\$ 2,85, vai reverter o resultado favorável da balança comercial. Se nós não tentarmos rapidamente conter os estragos desse nível de câmbio, o segundo semestre será preocupante. E o superávit comercial é o dado mais positivo da economia, talvez o único que tenha mostrado força.

Estado – Já existem empresas que foram afetadas pela apreciação cambial?

Tabacof – O setor de papel cartão (cartolina) é um bom exemplo. Quando o real estava valorizado, não conseguíamos completar a capacidade ociosa com exportações e ainda por cima sofre-

mos uma invasão de importados. Com o câmbio favorável dos últimos tempos, atingimos a capacidade integral das fábricas e a importação ficou inviável. Nós passamos a ter condições competitivas. Agora temos os primeiros sinais de volta daquela situação ruim.

Está mais difícil exportar papel cartão e os importados voltaram a ser uma preocupação. A questão vital é o crédito.

Estado – Crédito para os importadores de produtos brasileiros?

Tabacof – Sim, porque nossos competidores dão prazos de até 360 dias para os clientes e cobram os juros

módicos do mercado externo. Nós não conseguimos fazer isso.

Estado – O sr. acha que algumas empresas vão desistir de exportar?

Tabacof – As indústrias que, nos últimos anos, fizeram expansão na capacidade para atender à exportação vão ter de continuar vendendo, a qualquer preço. É o caso do setor de celulose e siderurgia. O problema é que, com o câmbio desfavorável, a indústria fica com uma dúvida cruel: ou diminui a produção ou exporta com margens cada vez mais reduzidas. O nosso setor não usa muitos insumos dolarizados, o que ajudaria a contrabalançar o efeito da queda do dólar. Ao contrário, nossos custos aumentaram cerca de 25% em um ano, por causa de fatores tributários, energia, antecipação de aumentos salariais. (P.C.M)

SETOR DE CARTOLINA JÁ SOFRE COM CÂMBIO



Com o câmbio desfavorável, a indústria fica com uma dúvida cruel: ou diminui a produção ou exporta com margens muito reduzidas

Boris Tabacof